

EDITORIAL

Esta é a sexta edição de *AVALIAÇÃO*. Há um ano e meio esta revista vem colaborando para a consolidação da avaliação institucional não só como um campo de estudos, mas, também, como prática a se incorporar definitivamente nas instituições de educação superior brasileiras. Desde o primeiro número, quisemos deixar bem claro que esta revista está comprometida com a avaliação da educação superior democrática e participativa, que seja global tanto no que diz respeito a seu alcance quanto a seu processo, legitimada pela adequação técnica e pela verdade social dos debates públicos, orientada para a melhoria da qualidade e não para os "rankings" que servem a esquemas eficientistas, que seja o efeito permanente de uma decisão de cada instituição que se preocupa com o cumprimento de sua missão única e inalienável, e não uma resposta mecânica a uma pressão externa que impusesse mecanismos amplos, genéricos e homogêneos, enfim, estamos ajudando a consolidar-se uma avaliação que corresponda aos critérios, objetivos e procedimentos públicos da comunidade acadêmica, nem sempre consensuais mas certamente produzidos socialmente nas discussões, nas propostas teóricas e nas experiências práticas. Trata-se, portanto, de construção coletiva - e a revista *AVALIAÇÃO* é um instrumento desse processo.

Já dizíamos no número inaugural e podemos repetir agora com mais convicção ainda que esta revista "cumpre inegavelmente uma função pública, não só porque reforça os procedimentos sociais da instituição e o caráter público do ensino, do saber, da pesquisa e da formação, como torna públicos e transparentes os processos e resultados dessas instituições, a quem a sociedade atribui formalmente as funções da formação de cidadãos ativos e profissionais competentes e, correlativamente, as tarefas sistemáticas do desenvolvimento epistemológico". E declaramos os princípios.

No segundo número, além de referir as vozes que dão conta de que esta revista está contribuindo para adensar as relações psicossociais de trabalho e o sentido social da formação e da construção dos conhecimentos, também destacamos que o compromisso de nossa avaliação é, certamente, de melhoria da qualidade dos processos internos da universidade, mas é também muito fortemente um compromisso filosófi-

co, ético e político que abre caminhos novos para a educação superior no que diz respeito ao dever de cumprimento de suas irrecusáveis responsabilidades sociais. Não nos escapa a necessidade de compreender os contextos mais amplos em que se desenvolvem as práticas diversas de avaliação institucional. *Avaliação* não se furta à necessária discussão das significações políticas que situam esta área no centro de importantes embates, com efeitos muito grandes sobre a educação superior e a sociedade. A falsa neutralidade da avaliação protegida pelo manto da técnica é, na realidade, um forte mecanismo ideológico que produz efeitos muito importantes nesse campo em disputa. Por isso, essa questão está sempre presente nas nossas diversas edições. No número três, chamávamos a atenção para o fato de que "a avaliação tem muito a ver com os projetos globais que conformam o mundo de hoje e que querem conformar o futuro da humanidade". Como alguns estudos mostram, as relações entre Estado, Sociedade e Universidade são muito freqüentemente tensas e, por isso, quase sempre são contraditórios os papéis atribuídos à avaliação institucional.

Avaliação quer deixar claro, como explicitamos na edição de número quatro, que sua proposta afirma o valor social e formativo da avaliação, não lhe atribuindo funções de organizadora de hierarquias entre instituições e sim de melhoria dos processos pedagógicos, científicos, administrativos e de vida democrática de cada uma das universidades e do sistema de educação superior. Entretanto, como alertamos no número cinco, a avaliação deve levar em conta que a universidade não é uma instituição imutável, a-histórica, e não pode ser praticada como se o mundo universitário permanecesse fixo e alheio aos terremotos da pós-modernidade e da globalização. Por isso, a avaliação não pode isentar-se de perguntar pelos sentidos e pelos destinos da universidade neste momento de mudanças, rupturas e incertezas.

Este número seis traz, em quase todos os seus textos, a preocupação com as políticas que acabam favorecendo a expansão de instituições privadas e sem nenhum compromisso com o valor público da educação. Não é, como se vê, uma questão localizada em um país. É uma tendência que se observa em alguns países do mundo e, certamente, naqueles latino-ame-

ricanos mais comprometidos com as orientações neoliberais. Os casos aqui estudados dizem respeito às situações dos três países do Cone Sul que realizaram os mais importantes ajustes em suas economias e levaram mais longe os movimentos gerais de “modernizações” e, dentre elas, de modo especial, a “modernização” de sua educação superior: Argentina, Brasil e Chile. Como se pode ver nos textos de Afrânio Mendes Catani, Pedro Krotsch, Luiz Antonio Cunha e Juan Carlos Campbell, essas “modernizações” se traduzem em profundas alterações na estrutura, na organização e financiamento das universidades e demais instituições de educação superior. Mas, os limites entre o público e o privado adquirem atualmente contornos novos. Para compreender melhor esses fenômenos, é importante contextualizá-los no quadro mais amplo das “modernizações” do Estado e das transformações econômicas, sem jamais perder a perspectiva histórica. É o que nos propõem os autores. Mas, é também útil conhecer as experiências de outros países avançados, que supostamente estão na origem dessas políticas, embora nem sempre as pratiquem. Os textos de Dilvo Ristoff e de Héglio Trindade oferecem elementos para pensarmos e repen-

sarmos as tendências políticas da educação superior no Brasil, tendo como pano de fundo as experiências de escolas e universidades estadunidenses relativamente à questão da educação pública ou privada. É como se o Brasil e outros vizinhos, nesta questão, caminhassem muito rapidamente, mas, na contramão. Qual é o papel da avaliação institucional nessa questão? O artigo seguinte, de autoria deste editor, pretende mostrar que a avaliação institucional tem um papel fundamental, seja para reforçar essas políticas de favorecimento à expansão do setor privado e dos valores do mercado, seja, em contraposição a isso, para reforçar os valores públicos da educação de qualidade e comprometida com a sociedade. Ana Ito e Adriana Ivama apresentam uma síntese de um estudo mais alentado, comparando indicadores de desempenho global de dois cursos de graduação, relativamente aos regimes de crédito e de seriado, como parte da avaliação institucional da UEL. Neste caso, a avaliação institucional está oferecendo subsídios importantes para aquela instituição e eventualmente para outras que queiram convalidar a experiência, no sentido de construir um projeto acadêmico, com mais adequação e melhores resultados.

AGRADECIMENTOS E CONVITE

Neste final de ano, queremos **agradecer** profundamente a todos os que tornaram possível a realização destes seis primeiros números de *AVALIAÇÃO*. Muitas são as pessoas e instituições que colaboraram. Com assinaturas, com trabalho de divulgação, distribuição, editoração gráfica, digitação, projeto gráfico, arte final, com a elaboração de artigos, com críticas, sugestões, gestos de incentivo etc.. A listagem seria muito ampla e assim mesmo certamente seriam esquecidas pessoas ou funções importantes.

Não podemos deixar de agradecer, em nome do Conselho Editorial e equipe técnica, **todos os assinantes individuais** e as instituições que colaboraram com **assinaturas institucionais** e com apoio de infra-estrutura: **UFSC, UNIEMP, UEL, UNICAMP, UFRJ, UFS, UFPB...** Citamos aqui apenas aquelas que assumiram um bloco de assinaturas, que cobriram boa parte dos custos de produção da revista. Entretanto, somos também muito reconhecidos a muitas outras instituições que subscreveram a revista, dando seu apoio institucional a esta obra que juntos estamos realizando. E há um grande número de pessoas nas mais diversas universidades deste país cuja contribuição nos tem sido imprescindível. Talvez nem mesmo essas pessoas sus-

peitam do significado grandioso que tem para nós o seu envolvimento com esta revista.

O **convite** é para a continuidade das ajudas, que continuemos mais equipados ainda para fazermos uma revista cada vez melhor e que atinja um público sempre maior. Para isso, precisamos contar com os mesmos apoios que já tivemos até aqui e muitas outras novas contribuições. Solicitamos a **renovação das assinaturas** e desejamos a contribuição de muitos outros **novos assinantes**. Fazemos um apelo especial às universidades e instituições dedicadas à educação superior que nos ajudem a viabilizar o futuro desta revista, que dá voz às IES e à comunidade acadêmica. Desde já registramos nossos melhores agradecimentos a todos que colaborarem, de uma ou outra forma: com material para publicação, assinaturas, críticas, sugestões, divulgação, distribuição e muitas outras coisas mais.

HOME PAGE:

Conheça a Home Page da revista *AVALIAÇÃO*:
<http://www.mtm.ufsc.br/~raies>

O PAIUB também tem um endereço eletrônico, que ainda está em construção. É o seguinte: <http://www.ie.ufrj.br/mec.sesu.paiub>

FELIZ 1998 A TODOS!